

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E  
GÊNEROS – GEPEM

19 a 21 de novembro de 2019

Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT 1 – Gênero, Identidade e Cultura

**#NAOMEROTULE: JUVENTUDE, IDENTIDADE E  
DIFERENÇA EM BELÉM/PA**

Kirla Korina Anderson Ferreira – IFPA  
Bruna Conceição de Souza Barata – IFPA

## **Resumo**

O objetivo principal consiste em compreender antropologicamente os significados dos marcadores sociais da diferença, em especial gênero e sexualidade, na trajetória de vida de 22 jovens estudantes do ensino médio, de 17 e 18 anos, na cidade de Belém/PA. Para isso, busca entender como falam das próprias identidades, em como elas são atravessadas por tais marcadores e como família e a escola aparecem nesse contexto. Os jovens foram ouvidos em dois momentos principais: 1) na realização da atividade Linha da Vida, em que escreveram os acontecimentos e pessoas mais importantes (de maneira positiva e/ou negativa) na formação de suas identidades; 2) na apresentação para a turma dos resultados da referida atividade. Identidade de gênero, orientação sexual, bullying, cobranças da família e da escola são alguns dos temas que aparecem nas trajetórias, quase sempre acompanhadas de casos de conflitos (velados ou não).

**Palavras-chave: Juventude, Gênero, Sexualidade, Identidade.**

## **Introdução**

O presente artigo consiste em compreender antropologicamente os significados dos marcadores sociais da diferença, em especial gênero e sexualidade. Para isso buscamos entender como falam das próprias identidades, de modo a perceber como elas são atravessadas por tais marcadores e como a família e a escola aparecem nesse contexto.

Os personagens principais são 22 jovens, de 17 e 18 anos, que cursam o ensino médio técnico no Instituto Federal do Pará – campus Belém. Para a coleta dos dados, utilizamos uma atividade, na disciplina sociologia II, que consistia em pontuar cronologicamente os principais eventos que marcaram suas trajetórias de vida, bem como as pessoas que consideram mais importantes em suas vidas.

Dentre o que o foi relatado pelos alunos, destacamos quatro categorias principais que são família, educação, namoro/amizade e expectativa/frustração, que são uma noção mais ampliada das formas de socialização na juventude. A partir destas categorias iniciamos a discussão acerca do tema. Neste sentido, procuramos compreender os processos que norteiam a construção da identidade dos jovens na sociedade.

## Resultados e Discussão

### 1. Gênero, Identidade na trajetória de vida

A atividade linha da vida, que inspirou as reflexões que apresentamos neste trabalho, foi desenvolvida no contexto da discussão do Eixo Temático Cultura e Identidade, em uma turma de segundo ano do ensino médio, em uma instituição de educação profissional e tecnológica. Em linhas gerais, este eixo busca pensar criticamente o particular e o universal acerca da cultura nas sociedades humanas. Na antropologia, o conceito de cultura é apresentado em contraposição à ideia de erudição e refinamento do senso comum e serve para se referir à humanidade como um todo (todos têm cultura), mas que precisamos observar suas especificidades em cada contexto social (DAMATTA, 1981; LARAIA 2011 [1983]).

Para abordar as temáticas desse eixo, procuramos sair da aula expositiva, e utilizamos, então, a metodologia de roda de conversa, para que se sintam a vontade para falar do assunto. Na roda de conversa, o ponto de partida costuma ser o que compreendem acerca dos conteúdos, o que auxilia na proximidade professora-alunos, à medida que provoca um exercício de compreensão mais ampliada de nossas experiências pessoais e nossa relação com o mundo.

Em se tratando do que entendem por feminino e masculino, eles apresentam uma multiplicidade de situações em casa, daquilo que é colocado como sendo atribuição de homens e mulheres, e também de gerações, mostrando que cada casa representa um caso, uma forma de pensarmos sobre as atribuições de gênero (ANDERSON, 2013). Sobre este assunto, eles contaram que:

“Professora, eu sou o irmão mais velho e sei cuidar sozinho de uma casa. Não tenho nenhum problema com isso” (Bruno, 17 anos)

“Quem manda na minha casa é a minha mãe (...). Ela colocou meu pai para fora quando descobriu que ele tinha outra mulher. A mulher é pequena, mas muito braba. Ela bate bem aqui em mim [ele aponta a altura um pouco abaixo de seu ombro], mas até eu tenho medo de deixar ela com raiva.” (Sérgio, 17 anos)

“Ah, professora! Claro que só existem dois sexos: o homem e a mulher. Essas outras coisas, que a gente nem sabe direito definir, está tudo errado.” (Marcelo, 16 anos).

“Mulher tem que ser obediente para o marido, sim. Isso está na Bíblia. Minha mulher vai ter que ser assim comigo, minha mãe é assim lá em casa.” (Felipe, 15 anos).

“As coisas estão mudando, mas ainda não penso em casar, não. Quero mesmo é estudar engenharia e ganhar o meu dinheiro. Meu pai me dá o maior apoio nisso (...). Ele disse que é até melhor eu nem namorar ainda, para não me atrapalhar.” (Natália, 17 anos).

As falas nos dão um pouco a dimensão de como percebem gênero e sexualidade, tendo como referência, muitas vezes, aquilo que ouvem em suas famílias, na igreja que costumam freqüentar, entre os amigos. Ademais, eles demonstram interesse pela diversidade nas relações humanas, principalmente no que se refere à identidade de gênero e sexualidade. Acontece, ainda, de um ou outro deixar claro que não se interessa pelo tema, ou não queira tratar dele – em um clara referência à desqualificação das pesquisas acadêmicas na área sob o rótulo de “ideologia de gênero”, que reforçam o conservadorismo de grupos políticos e religiosos do país (MISKOLCI e CAMPANA, 2017; REIS e EGGERT, 2017).

Como forma de contextualizarmos a discussão sobre identidade, pedimos para que escrevessem sobre como se identificam, em uma atividade chamada linha da vida. Em forma de desenho, pedimos para que destacassem eventos/pessoas importantes de suas vidas e que contribuíram para serem quem são hoje, cujos principais assuntos estão listados no quadro a seguir:

**Quadro 1: Principais assuntos destacados na linha da vida**

<b>CATEGORIAS PRINCIPAIS</b>	<b>EVENTOS CITADOS</b>
Família	<ul style="list-style-type: none"><li>- Relação com os irmãos</li><li>- Separação dos pais</li><li>- Orientação sexual e identidade de gênero</li><li>- Viagens e/ou mudança de endereço</li><li>- Falecimento de pai, mãe, avô e/ou avó</li><li>- Animal de estimação</li></ul>
Educação	<ul style="list-style-type: none"><li>- Ingresso no IF</li><li>- Mudança de escola</li><li>- Curso de línguas/Intercâmbio</li><li>- Curso de teatro</li><li>- Artesanato</li><li>- Prática de esportes/competições esportivas</li><li>- Sofreu bullying</li><li>- Eventos na igreja/ação social</li></ul>
Namoro/Amizade	<ul style="list-style-type: none"><li>- Primeiro beijo</li><li>- Conhecer pessoas novas</li><li>- Início e/ou término e namoro</li><li>- Fazer amizade/Conhecer melhor amigo/a</li><li>- Morte de um amigo</li><li>- Decepção com amizade ou namoro</li><li>- Primeiro porre</li></ul>
Expectativas/Frustrações	<ul style="list-style-type: none"><li>- Ir a uma festa ou show</li><li>- Virar fã de um artista</li><li>- Sentem-se fracos e inseguros</li><li>- Cobrança para ser um/a bom/boa aluno/a e também um/a bom/a filho/a</li><li>- Depressão</li><li>- Medo do fim do mundo/copa do mundo</li></ul>

Fonte: Atividade de sala de aula, 2016 a 2018.

Procuramos agrupar em quatro categorias principais os assuntos presentes em todas as linhas que foram entregues e, na coluna ao lado, as principais referências que fizeram sobre tais assuntos. A vida deles com a família é sempre contada, em momentos bons como viagens, passeios, mudança de endereço, assim como nos ruins também, a exemplo da separação dos pais, morte de algum ente querido, e a aceitação quanto à orientação sexual. Chamou nossa atenção nesta atividade o quanto eles se abriram, das cobranças que recebem em casa por serem “o único homem da casa”, ou ainda, pela família depositar uma grande expectativa neles, o que acaba mostrando tensões (e, em alguns momentos, conflitos e desentendimentos abertos mesmo) acerca da percepção do ‘outro’ em casa. Ademais, a dinâmica linha da vida contribuiu para que percebêssemos algumas dimensões simbólicas nas trajetórias de vida, de coisas que se identificam ou que precisam se identificar por serem jovens (DAYRELL, 2010). Além disso, é possível perceber que a identidade juvenil

está num campo de representações, símbolos e rituais, que esse mesmo autor classifica como mundo da cultura.

O momento da aula está longe de ser algo técnico, pronto e acabado, em que se discutem mecanicamente conteúdos, teorias, disciplinas, mas um universo relacional, em que estranhamento e alteridade estão presentes, como nomes importantes da antropologia nos tem chamado atenção (MALINOWSKI, 1978; DAMATTA, 1987; GEERTZ, 1989; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). O que emerge da relação de alteridade em sala de aula, sob o ponto de vista antropológico, é a figura do professor como um interlocutor, e que os jovens querem ser ouvidos em suas identidades, expectativas, frustrações, sonhos.

Carvalho Filho (2014) mostra que o ensino de sociologia no ensino médio é um problema que diz respeito à construção e transmissão de um saber e está ligado à sua institucionalização no meio acadêmico e de seu ensino. Implica também considerar sua função social, sua razão de ser. Assim, dada a natureza de produção do conhecimento das ciências sociais, nossa disciplina está diante dessa aproximação entre professor e aluno, uma aproximação necessária no atual contexto de fluidez das relações sociais na sociedade moderna.

## 2. Apresentação da linha da vida

A tabela abaixo representa o número de vezes que cada evento foi citado pelos alunos, tendo como ênfase aos eventos citados no quadro 1 do tópico 1.

**Quadro 2: Número de vezes que cada evento foi citado**

<b>EVENTOS CITADOS</b>	<b>Nº DE VEZES</b>
Relação com os irmãos	3
Separação dos pais	5
Orientação sexual e identidade de gênero	1
Viagens e/ou mudança de endereço	10
Falecimento de pai, mãe, avô e/ou avó	2
Animal de estimação	3
Ingresso no IF	14
Mudança de escola	10
Curso de línguas/Intercâmbio	3
Curso de teatro	2
Artesanato	1

Prática de esportes/competições esportivas	4
Sofreu bullying	4
Eventos na igreja/ação social	5
Primeiro beijo	6
Conhecer pessoas novas	3
Início e/ou término e namoro	8
Fazer amizade/Conhecer melhor amigo/a	7
Morte de um amigo	4
Decepção com amizade ou namoro	2
Primeiro porre	2
Ir a uma festa ou show	3
Virar fã de um artista	3
Sentem-se fracos e inseguros	1
Cobrança para ser um/a bom/boa aluno/a e também um/a bom/a filho/a	2
Depressão	1
Medo do fim do mundo/copa do mundo	4

Fonte: Atividade de sala aula, 2016 a 2018

Ao analisarmos as linhas da vida percebemos que os alunos não tiveram timidez para descrever os acontecimentos que marcaram as suas vidas, principalmente quanto aos episódios que estavam relacionados a namoro, emoções, família e sobre suas personalidades. A percepção deles acerca da construção de sua identidade está relacionada à forma com eles interagem com o meio e com as pessoas que fazem parte deste momento. Segundo eles:

“[...] Hoje sou uma pessoa totalmente diferente do que eu era em 2015, 2016, 2017, felizmente amadurecer não se relaciona com idade, e isso e muitas coisas que aconteceram contribuíram para o que eu sou hoje”. (Italo, 17 anos).

“Bem, essa pequena retrospectiva da minha vida mostra um pouco sobre as coisas que marcaram e ajudaram a forma meu caráter e minha personalidade, e tudo isso por causa dos maravilhosos ensinamentos minha mãe, ela ajudou a construir quem eu sou”. (Maria, 17 anos)

A ideia que eles construíram sobre si mesmo é interessante, quando começamos a ler o que foi escrito por eles percebemos o quanto eles enfatizavam a palavra amadurecimento, para eles esta ideia estaria vinculada a acertos e erros. A família e os amigos têm um papel importante neste amadurecimento. Não há uma necessidade de estarem entrelaçados em um grupo só, mas sim de estar em um ambiente diversificado, que possibilite um número infinito de experiências, que estariam vinculadas a expectativas e frustrações.

Devemos destacar também as expectativas que sentiram com relação ao ingresso no IFPA como um marco importante na sua vida, que estão ligadas à possibilidade de construir novas amizades, de ascensão social e de novas experiências. Muitos relataram a alegria da família por terem conseguido passar no processo seletivo e das expectativas que os familiares criaram sobre eles.

Quando encontramos os alunos para falar sobre a linha da vida e o queríamos fazer com estas informações, os alunos ficaram felizes e demonstraram interesse em saber mais sobre aquilo que nós estávamos apresentando. No momento em que nós estávamos conversando com eles, muitos até brincaram, que queriam adivinhar de quem seria aquela história. Aquele encontro formal se tornou um momento de descontração, onde foi permitido falar sobre diversas coisas.

A turma começou a relatar outros episódios. Naquele momento eles (sem nenhuma timidez) contaram às frustrações que eles sentiram quando ingressaram no instituto, e que mesmo que eles tivessem vivenciado momentos bons com os amigos e com curso em si, sentiam-se muitas vezes desrespeitados e que as cobranças exacerbadas da instituição os deixavam desmotivados. Alguns alunos relataram que muitas vezes tentaram pedir o apoio dos órgãos de assistência do instituto, mas não tiveram retorno algum e, segundo eles, não foram levados a sério.

A partir do relato dos alunos podemos pensar que educação estamos oferecendo aos jovens? Será que a valorização do sistema de avaliação seria realmente algo eficaz? Que consequências ela pode causar ao jovem? Seria necessário montar um currículo humanizado?

As frustrações relatadas pelos alunos iam além do âmbito escolar, pois muitos descreveram as dificuldades que enfrentam para lidar com a família e com os amigos. O sentimento de não aceitação da família, fazia com que cobrassem de si ao máximo. Alguns jovens relataram que o seu ingresso no IFPA foi uma forma de aliviar a pressão da família com relação aos estudos. Como formar de provar que eles eram diferentes da ideia que os familiares tinham sobre eles.

A presença da família não está em todas as linhas da vida, mas muitos apresentam algo em comum, como por exemplo o divórcio dos pais. Os alunos contaram como foi este processo de separação e como os amigos acabaram sendo importantes neste momento. Dentre os relatos alguns acabaram indo morar na casa de parentes devido ao ocorrido. Um jovem contou que durante o período em que estava morando com os parentes, sentia-se pressionado a voltar para a casa da mãe. Ele afirma que foi morar com mãe em decorrência dos conflitos dos tios com a mãe.

“Fui morar em Marituba, junto com a minha mãe e meu irmão, já que o meu padrasto ainda estava desempregado na época não tinha como eu ir morar com a minha mãe, mas de tanto os meus tios acusarem que a minha mãe tinha me abandonado, com tudo que tava acontecendo quis morar com ela” (Marcos, 17 anos)

Este relato não foi somente do Marcos, mas sim de outros que sentiam-se pressionados a sair de casa em decorrência de conflitos familiares. Em relação às pressões da família, elas são mais contadas pelos rapazes. Essas pressões estão ligadas à expressão de sentimentos, ao comportamento, a beijar (ou “pegar” alguma menina, como um deles relatou), a ser um bom aluno, todos eles relacionados a uma determinada ideia de masculinidade. Quanto às falas das meninas, podemos também perceber pressões quanto ao sucesso nos estudos principalmente. Nessas situações muitos apresentaram uma maturidade diante das situações, pensando nas consequências que isso poderia ocasionar.

Os jovens eram extrovertidos e que buscavam lutar por aquilo que almejavam, não se reprimindo as injustiças. Sempre buscando de alguma forma colocar para fora suas opiniões acerca de determinadas situações do cotidiano.

### **Considerações Finais**

Diante desses relatos, qual é a importância do professor em sala de aula? Como a sociologia contribui para a discussão de assuntos da vida na história dos jovens da EPT? Neste sentido, emerge a importância de se refletir sobre a relação entre professor e ALUNOS no contexto das aulas de sociologia no ensino médio, com o objetivo de compreender antropologicamente a aula como um momento de encontro etnográfico, em que estamos muitas vezes confrontando subjetividades nas discussões dos temas da disciplina.

Tratar gênero e sexualidade em sala de aula é uma temática longe de unanimidades, que desperta muita curiosidade entre os jovens e costuma se confundir com a experiência pessoal

de alguns deles, o que se reflete em um sistema de classificações (hierarquizantes) que eles acionam para falar de si e dos outros durante as aulas.

Entretanto, neste mesmo contexto de discussão, há também opiniões quanto à dificuldade de se compreender comportamentos que não se “encaixam”, como eles disseram, nas definições binárias de gênero e, menos ainda (se for para seguir por esta linha de raciocínio), quando se inclui na análise o que se entende por orientação sexual.

Ademais, o trabalho oferece subsídios para se entender a juventude como um momento presente na vida dos estudantes de ensino médio, marcada por processos de experimentações, curiosidades, e com demandas na escola e fora da escola, que precisam ser ouvidas e atendidas. Por toda esta pluralidade apresentada nas linhas da vida discutidas aqui, um dos significados mais importantes acerca da juventude (se é que podemos falar assim) diz respeito a não aceitarem uma definição vinda de fora, um rótulo, que não leve em consideração as vivências e experimentações pelas quais estão passando.

#### **Referências:**

ANDERSON, Kirla K. dos S. **Educação começa em casa?** Família e socialização em Belém/PA. Belém/PA: UFPA, 2013. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. 221 fls.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CARVALHO FILHO, Juarez Lopes de. **O ensino de sociologia como problema epistemológico e sociológico**. EDUCAÇÃO & REALIDADE, v.39, n.1, jan.-mar. 2014. P. 59-80.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando; uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DAMATTA, Roberto. **Você tem cultura?** In: Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE, Campinas, vol. 28, n. 100, 2007, Especial, P. 1105-1128.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude no contexto do ensino da Sociologia: questões e desafios. In: MORAES, Amaury Cesar (Coord.). **Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. P. 65-84. (Coleção Explorando o Ensino; V. 15).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MIRA, Maria Celeste. A escola na era do lazer. In: BERNARDO, Teresinha; TÓTORA, Silvana (Orgs.). **Ciências Sociais na Atualidade**: resistência e invenção. São Paulo: Paulus, 2004. P.251-270.

MISKOLCI, Richard; CAMPINA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral **contemporâneo**. REVISTA SOCIEDADE E ESTADO, vol. 32, n. 3, setembro, 2017.

REIS, Toni; EGGERT, Elda. **Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros**. EDUC. SOC. Campinas, v. 38, n. 138, jan-mar-2017. P. 9-26.